

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A razão da nossa luta

* Dom Antônio Possamai

A diocese de Ji-Paraná estende-se por larga porção dos estados de Rondônia e Mato Grosso, cobrindo uma superfície de aproximadamente 250 mil quilômetros quadrados, com cerca de 1 milhão de habitantes. Com exceção dos poucos seringueiros que conseguiram sobreviver ao impacto com a forte migração que vem ocorrendo desde o começo da década de setenta, dos poucos índios que teimam em viver depois de tantas e tão perversas agressões que sofreram e vêm sofrendo; das crianças e adolescentes aqui nascidos, os demais, a imensa maioria, são migrantes. É neste contexto que vivemos e atuamos.



1 - IDENTIFICAÇÃO

Podemos afirmar, sem grande margem de erro, que em sua imensa maioria, estes migrantes são "migrantes forçados". Vieram porque acreditaram em projetos do governo, de colonizadores ou de grupos interessados em explorar suas propriedades às custas da mão-de-obra barata e até mesmo escrava. Basicamente foram os trabalhadores rurais que migraram: pequenos proprietários que perderam suas terras para o latifúndio (anualmente o latifúndio recebe mais de 16 milhões de hectares de terra), para os bancos; peões e bóias-frias que tentaram melhor sorte.

Nem todos os migrantes, porém, são forçados. Há também os que aqui vieram para ficar mais ricos. Para esses não há barreiras, tudo é lícito. Lamentavelmente, muitos destes se apossaram do poder político.

2 - A IMPLANTAÇÃO NA REGIÃO

Na história do Brasil, no que se refere à questão da migração, os fatos vêm se repetindo em escala cada vez maior e de maneira sempre mais brutal.

Sem falar da grande migração forçada como foi a dos africanos, vergonha para nossa nação, a dos índios continuamente expulsos, vamos passar logo para a história da migração européia. Nem tudo está bem contado na história oficial. Muitas famílias foram aliciadas na Europa com a promessa de terra no Brasil e quando aqui chegaram eram separadas: uns prosseguiram viagem rumo ao sul com a possibilidade de conseguir terra, outros eram enganados e enviados para trabalhar nas fazendas de café no interior paulista.

Para falar de coisas mais recentes, é só lembrarmos do que foi a colonização do Paraná. Violência, mortes, roubos! Quanta luta e quanto trabalho para "amansar a mata"! Depois de tudo pronto, o pequeno trabalhador rural viu-se obrigado a partir mais uma vez.

Alguns já partiram até 25 vezes!

Impelidos, por um lado pelas circunstâncias que tornaram impossível a permanência na terra e, por outro, vítimas de uma propaganda cara e mentirosa, levadas e mais levadas de migrantes rumaram para o norte do país. E aqui chegando, o que encontraram? Nada mais, nada menos, do que a repetição do passado: total falta de infra-estrutura e de condições mínimas para começar bem.

O que mais encontraram é ainda estão encontrando: malária, terras não demarcadas, grileiros, pistoleiros, falsos títulos, ausência de estradas, de escolas, de hospitais, de postos de saúde, de preços justos para seus produtos, transportes caríssimos, enfim, falta de uma política agrícola voltada realmente para os seus interesses.

O que dizer do trabalhador que para não morrer de fome se sujeita a ir para o Projeto Filinto Muller, (Guariba - MT) em meio à floresta e que para encontrar recursos tem que percorrer 200 quilômetros a pé até chegar a Aripuanã, a cidade mais próxima?

3 - O IMPACTO PRODUZIDO

Quem se vê obrigado a sair de uma região onde já está adaptado e

parte para o desconhecido, não pode deixar de sofrer impactos que o marcam para a vida. No lugar de procedência muitos já tinham uma residência razoável, energia elétrica, hospital, estradas, a família, a comunidade etc. Quando chegam a Rondônia ou Mato Grosso, vêem-se distantes dos parentes, dos amigos, da comunidade. Caem em meio a desconhecidos de quem desconfiam, com quem custam a fazer amizade, a se unir. São obrigados a viver no isolamento porque as distâncias entre um lote e outro são grandes, não há estradas, há o perigo da cobra venenosa, do animal feroz. Não encontram lugar para se divertir, passear. As mulheres, escravadas da solidão e do isolamento, tornam-se, muitas vezes, candidatas à loucura. Com frequência, os homens buscam no álcool uma saída para a sua frustração.

A casa, conquistada com suor no lugar de procedência, é substituída por um barraco; a estrada, por uma picada e mais tarde por atoleiros; o ônibus, por um caminhão que arranca do meio dos atoleiros ou da poeira.

E os filhos que devem crescer no analfabetismo!

Seria demasiadamente longo elencar tudo o que causa impacto à vida do migrante; para captarmos melhor a extensão desse problema, é necessário estar aqui, sentir de perto.

4 - A ATUAÇÃO DO SISTEMA

O profeta Ezequiel ao falar dos governantes do seu tempo teve que dizer em nome de Deus estas palavras: "Pastores, assim diz o Senhor Iahweh: Ai dos pastores que apascentam a si mesmos! Não devem os pastores apascentar o rebanho?"

Vós vos alimentais com leite, vos vestis de lãs e sacrificais as ovelhas mais gordas, mas não apascentais o rebanho! Não restaurastes o vigor das ovelhas abatidas, não curastes a que está doente, não tratastes a ferida da que sofreu fratura, não reconduzistes a desgarrada, não buscastes a perdida, mas dominastes

sobre elas com dureza e violência. Por falta de pastor elas dispersaram-se e acabaram por servir de presa para todos os animais do campo, e se dispersaram. O meu rebanho dispersou-se por todos os montes, por todos os outeiros elevados e por toda a superfície da terra. Não há quem o procure ou quem vá em sua busca" (Ez. 34, 2-6).

Não encontrei melhor descrição do que esta para entender como está o povo que aqui veio com vontade de trabalhar.

As melhores terras foram reservadas para o latifúndio. O pequeno que recebeu ou conquistou a terra não recebeu orientações sobre o clima, o que plantar e como comercializar seus produtos; ele é vítima dos atravessadores.

A Secretaria da Saúde nada faz pela saúde do povo e quando constrói um hospital ou posto de saúde faz dele um cabide de emprego ou o deixa completamente sem recursos para funcionar. Há uma enorme exploração por parte das clínicas e hospitais particulares.

O sistema de educação obedece aos interesses de políticos, às vezes mal e mal alfabetizados mas arrogantemente exigente para que a direção das escolas e a formação de professores sejam confiados a apadrinhados políticos. As comissões de inquérito para se desvendar onde foi parar o dinheiro destinado às estradas nunca chegam a um resultado final.

De uns tempos para cá, depois do Plano Cruzado, os bancos estão exigindo do Poder Judiciário o leilão dos lotes rurais porque seus donos não conseguem pagar os pequenos empréstimos levantados. Pequenos empréstimos que se multiplicaram pelas manobras dos todo-poderosos banqueiros. Aí está, em parte, a explicação da reemigração já começada para fora de Rondônia. E a terra vai ficando para os que fazem dela objeto de negócio e não de trabalho.

E a corrente dos desmandos, da falta de interesse pelo povo trabalhador, da exploração de que o mesmo é vítima? Estes fatos já são suficientes para entendermos que

não é vantajoso ser migrante numa terra onde o ser humano não conta.

5 - A PRESENÇA E ATUAÇÃO DA IGREJA

Vamos falar aqui da atuação da Igreja Católica. Em alguns campos, como o da saúde, da terra, dos índios, o trabalho é bastante conjunto com a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Buscando ser coerente com o modo de agir de Jesus Cristo, a Igreja procura estar presente em tudo aquilo que atinge a vida humana e tem como prioridade impregnar com a força do Evangelho todas as realidades, sem querer voltar ao modelo de cristandade. Porém, sem aceitar a doutrina de quem diz que o lugar da Igreja é só no campo religioso. A Igreja migrou com o povo. Foi o povo que aqui chegou, que veio sendo Igreja. E como tal se estabeleceu e quis nela se manter.

5.1 - ATUAÇÃO NO RELIGIOSO

Na zona rural a Comunidade Eclesial de Base tornou-se a forma de ser Igreja. É nela que o povo vive e expressa sua fé. Na zona urbana já não é tão fácil acontecer esta força. Entretanto, a orientação é no sentido de que se multipliquem no máximo as pequenas comunidades.

Não irei descrever aqui tudo o que se faz neste campo, ou seja, da catequese, da liturgia, entretanto, devo destacar que a tônica de toda a evangelização e catequese procura ter presente a vida do migrante.

Os assuntos migração, terra, saúde, educação, política, estradas, preços, índios e outros que atingem de cheio a vida, são presença constante nas reflexões. O objetivo é que o povo entenda o porquê do seu sofrimento e busque engajar-se em suas organizações, em vista da transformação da realidade. Assim é que as palavras política, sindicato, associações de classe, movimentos populares não são estranhas.

Está em uso na diocese o catecismo de preparação para a 1ª Eucaristia, "Passo a passo com Jesus". Uma das primeiras lições aborda jus-



tamente o tema da migração: Por que seus pais saíram para cá? Além desta evangelização ordinária, periodicamente, conforme as circunstâncias, elaboramos textos especiais. Assim é que surgiu a cartilha sobre política: "Por uma nova ordem Constitucional" da CNBB que foi traduzida para o "brasileiro" e colocada nas mãos do povo. Neste ano saiu uma carta pastoral sobre política que teve grande aceitação. Com esses recursos, aos poucos vai-se tomando consciência da necessidade de uma presença efetiva na obra de transformação da sociedade. E as respostas vêm chegando.

5.2 - ASSOCIAÇÃO DE AJUDA MÚTUA

Com nomes locais como: Arjopam, Aeropam, Arcopam, Aropam etc. nasceram por inspiração da Igreja, mas dela não dependem, embora tenham seu apoio. Congregam centenas e alguns milhares de sócios com a finalidade de evitar os atravessadores na comercialização dos principais produtos, como o café e o arroz. Contribuem com pequena quantia mensal para as despesas ordinárias. Diversas dessas associações possuem máquinas de beneficiamento de arroz e de café. E algumas delas já possuem casa de comércio na cidade para atender os sócios inscritos na venda de seus produtos e na aquisição de produtos mais consumidos em suas casas como o açúcar, sal, sabão, óleo, chinelos etc.

Graças a um projeto de ajuda,

neste ano iniciou-se o atendimento a pequenos projetos de associações comunitárias. Com esta ajuda as comunidades interessadas estão montando farinhas, engenhos de açúcar, máquinas de beneficiar arroz para consumo caseiro, pequenas serrarias... Duas comunidades já estão com sua maternidade quase funcionando, com parteiras pagas pela comunidade.

5.3 - SINDICALISMO

O sindicalismo brasileiro, em geral, deixou de ser um campo de luta, para transformar-se num centro de assistencialismo. O migrante chega na região com este modelo de sindicato. E só aceitar entrar em sindicato que não seja de luta, mas que lhe garanta certa assistência. Neste campo, vem desempenhando um trabalho intenso a CPT diocesana. Busca ajudar ao trabalhador a entender o que deve ser um sindicato. Com este trabalho a oposição sindical conseguiu conquistar a direção de diversos sindicatos. Cabe à Igreja acompanhar com a reflexão da fé a caminhada dos que se engajam na luta sindical. Uma das preocupações atuais é estar na luta contra a re-migração. Busca-se a fixação na terra e o atendimento aos direitos do trabalhador.

5.4 - EDUCAÇÃO POLÍTICA

A idéia de que a política é coisa "suja" ainda persiste. E agora com muitas razões. Quem não vê? Os politiquinhos proliferam e se fortale-

cem por cima da desgraça do povo. Quanto mais sofredor o povo, mais possibilidades eles têm de comprar o seu voto.

Tanto em Rondônia quanto no Mato Grosso o poder foi tomado de assalto por esses políticos.

É por isso que a Igreja nesta diocese assumiu o compromisso de caminhar com o povo no sentido de uma educação política. Foi neste sentido que nasceu, a pedido do povo, a PASTORAL POLÍTICO-PARTIDÁRIA. Tem como objetivo ajudar aos que vivem seu cristianismo na comunidade e comungam com a caminhada pastoral da diocese a:

- buscar luz no Evangelho;
- ser coerente com os princípios éticos cristãos;
- saber conviver com as ideologias e tendências com que se defrontam constantemente;
- atuar na construção de uma sociedade justa e fraterna. (IV Plano de Pastoral da diocese de Ji-Paraná, pág. 52).

5.5 - PASTORAL DA MULHER

Depois da criança, a maior vítima da migração forçada é a mulher. Muitas não queriam migrar. Na maioria dos casos migraram porque, junto com seus esposos, sentiram que não dava mais para continuar onde estavam. Depois que chegam e comparam o que deixaram com o que encontraram, o que tinham com o que nunca mais conseguirão ter, já não há mais volta. Recentemente, um médico disse estar constatando que

"são numerosas as que estão a caminho da loucura em decorrência do sofrimento e do isolamento".

Mulher migrante pobre não tem lazer, não tem ambiente para se encontrar com "comadres" para conversar, passar o tempo, descansar. Mesmo nas CEBs não está sendo fácil conscientizar o povo de que além do campo de futebol para os homens é preciso providenciar também ambientes para as mulheres se divertirem.

A Pastoral da Mulher está tomando força na diocese. No dia 14 de maio/1988 foi realizado em Presidente Médice um grande encontro. Cerca de 5 mil mulheres se reuniram, fizeram passeata, se divertiram, representaram e celebraram.

A Pastoral da Mulher é um meio de evangelização que visa ajudar a mulher a sentir que a partir da fé deve levantar a cabeça, tomar seu lugar na sociedade, lutar para transformar, gerar nova realidade, nova vida. Aos poucos elas estão tomando seu lugar na política, no sindicato, nos movimentos populares.

6 - CEPAMI: CENTRO DE ESTUDOS E DE PASTORAL DOS MIGRANTES

Desde que assumi a diocese e me deparei com a realidade dos migrantes tive a preocupação de procurar algum grupo que assumisse a coordenação do trabalho entre os migrantes. Vieram então os Padres Carlistas e, mais recentemente, as Irmãs Carlistas. Em pouco tempo

surgiu o Centro de Estudos e de Pastoral.

Desenvolve uma vasta programação que abrange os campos da pesquisa, da acolhida, da produção de material (o jornal O MIGRANTE é produção do Cepami, além de outros subsídios), de presença nos lugares novos, de criação de coordenações comunitárias etc. Sempre dentro de uma visão de conjunto, impulsiona principalmente aquelas pastorais que ajudam o migrante a se fixar e a lutar, como a Pastoral da terra, da política, operária, da mulher. Sua ação se estende para além da diocese pois atinge o Acre, Mato Grosso e também Roraima.

Com o seu trabalho os migrantes estão descobrindo os motivos pelos quais não conseguem se fixar num lugar, as jogadas, os interesses de grupos, enfim as manobras próprias de uma sociedade regida por um sistema social perverso. Aprendem a enxergar e a se organizar para resistir exigindo respeito pela sua dignidade de seres humanos. Sonhamos com o dia em que o nosso povo possa construir suas casas e nelas morar, plantar suas fruteiras e saborear dos seus frutos. É bom sonhar, mas é preciso preparar condições para o sonho. É aqui que está a razão da nossa luta.

(*) Bispo da diocese de Ji-Paraná/RO e presidente do Serviço Pastoral dos Migrantes - SPM.

Cadernos de Migração

"NEGROS E NORDESTINOS"

Trata-se dos dois primeiros livretos da série *Cadernos de Migração*, lançada pelo Centro de Estudos Migratórios.

Visa abordar, de maneira popular, os principais sujeitos da história das migrações no Brasil.

A venda no CEM.

